

## O MITO COMO SÍNTESE ENTRE A OBRA DE BAUDELAIRE E A ANTIGUIDADE CLÁSSICA

### MYTH AS A SYNTHESIS BETWEEN THE WORKS OF BAUDELAIRE AND THE CLASSICAL ANTIQUITY

Míriam Zafalon<sup>1</sup>

Adalberto de Oliveira Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo procura estabelecer um diálogo entre a antiguidade clássica e a poética de Baudelaire, tendo como canal de ligação o mito. Em alguns textos de Baudelaire encontram-se referências a personagens mitológicos que desde tempos remotos vêm sendo explorados pela literatura universal. Esse resgate demonstra que, em alguns momentos, a obra baudelaireana também se rendeu aos encantos do mundo do mito, bebendo na fonte das culturas clássicas e atualizando entidades mitológicas consagradas pela tradição literária. Sabe-se que a recorrência ao mito é uma busca da compreensão de fatos cuja interpretação foge ao espírito do homem, então, pode-se entrever aí um recurso de Baudelaire para compor uma poética que revela a ansiedade de desvendar alguns dos mistérios da vida. A proposta deste trabalho é uma leitura de alguns textos de Baudelaire nos quais esses mitos se presentificam, carregados de mensagens enriquecedoras e que, no passado, provavelmente já serviram de inspiração para outros autores.

**Palavras-chave:** Baudelaire. Antiguidade Clássica. Diálogo. Mito.

**ABSTRACT:** This article aims to establish a dialogue between the classical ancient and Baudelaire's poetry, having as a connector the myth. In some Baudelaire's texts there are references to mythological characters that have been used by the universal literature since ancient times. This reference shows that in some moments, Baudelaire's work has also surrendered to the charms of the world of myth, taking advantage of classic culture and updating mythological entities established by the literary tradition. It is known that the recurrence to the myth is a search for understanding the facts whose interpretation goes beyond the spirit of man, then, one can realize a Baudelaire's source to compose a poetic that reveals the anxiety to discover some of the life mysteries. The purpose of this study is the reading of some Baudelaire's texts in which these myths are, full of rich messages that in the past, have probably served as inspiration to other authors.

**Keywords:** Baudelaire. Classical Antiquity. Dialogue. Myth.

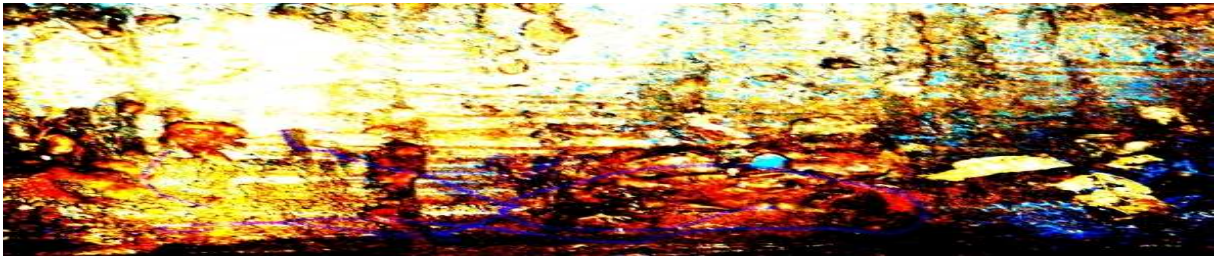
## 1. INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Na graduação, atua na docência das disciplinas de Leitura, Interpretação e Redação de Textos, Língua Portuguesa e Leitura e Produção, na faculdade FFAST. E-mail: mzafalon@bol.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, com aperfeiçoamento em III Cycle pela Université de Paris X, Nanterre. Professor adjunto da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Comparada, Teoria Literária, Ronald de Carvalho, Toda a América, Cosmopolitismo e Relações literárias franco-brasileiras. E-mail: adalberto@teracom.com.br

Míriam Zafalon

Adalberto de Oliveira Souza



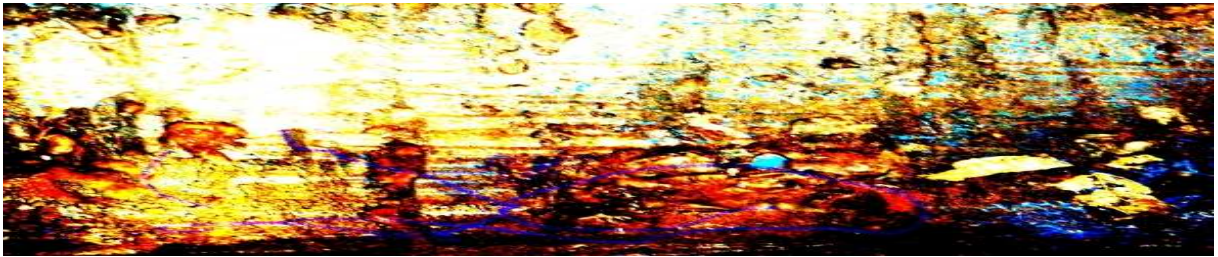
Tradição e Modernidade procuram a síntese, embora de formas diversas. O mito estabelece-se como elo de ligação entre o pensamento do homem da antiguidade e a obra de Baudelaire, que embora tenha escrito sua valiosa obra durante o período artístico do Romantismo, não se contagiou plenamente pelas características mais efetivas dessa literatura, o que demonstra que os estados de alma do poeta o obrigavam a opor-se a esse sistema, além de comprovar que ele estava à frente de seu tempo. Aliás, a obra baudelairiana extrapola os limites temporais e espaciais, tornando-se universalizante. Nas palavras de Valéry (1991, p. 21), “[...] com Baudelaire a poesia francesa ultrapassa finalmente as fronteiras da nação. Ela é lida no mundo inteiro, impõe-se como poesia própria da modernidade; dá origem à imitação, fecunda muitos espíritos.” Procuramos demonstrar que na obra de Baudelaire há a recuperação de aspectos mitológicos que promovem um diálogo perfeito com manifestações artísticas tão distantes no tempo e no espaço mas que se mantêm vivas através da vertente literária. O cultivo dos mitos se estende pela obra de muitos outros autores consagrados que também encontram nesse caminho um tema interessante para suas produções. Os mitos consagrados pela antiguidade são a personificação de referências simbólicas que sustentam a imaginação das gerações através das criações literárias e que surpreendem a humanidade por sua coerência de valores até hoje mantidos.

Desde a antiguidade, o mito esteve presente nas ideias dos escritores. Os textos literários, na medida em que foram se utilizando das referências mitológicas, também criaram novas leituras que contribuíam àquelas já conhecidas e propagadas. Quando um poeta importante como Baudelaire retoma alguns mitos, ele o faz respeitando toda a cultura primitiva, mas também, acrescentando sua forma particular de apreensão do mundo.

Talvez esse retorno às raízes míticas seja um dos requisitos para caracterizar a obra de Baudelaire como um clássico. Para Valéry (1991), Baudelaire é um clássico porque é escritor e crítico de sua obra ao mesmo tempo. Segundo Pound (1970, p. 21):

Um clássico é clássico não porque esteja conforme a certas regras estruturais ou se ajuste a certas definições (das quais o autor clássico provavelmente jamais teve conhecimento). Ele é clássico devido a uma certa juventude eterna e irreprimível.

Essa juventude consta na lírica baudelairiana, sendo obra sempre atual e que continua tendo algo a dizer mesmo no nosso mundo contemporâneo. Porém, para perceber isso, é



necessário rever atentamente a matéria, como na parábola do peixe de Agassiz<sup>3</sup>. Examinando com interesse e curiosidade meticolosos o material literário pode-se perceber com propriedade o quanto os mitos do passado podem contribuir para as obras da modernidade se tornarem clássicos da arte universal.

## 2. A ARTE DE BAUDELAIRE

Em sua obra “As flores do mal”, Baudelaire imortalizou-se como um modelo de poeta da modernidade, mas que também revelou a agonia dos românticos e recebeu influências estéticas diversas. Sua poesia possui a presença do visual, do plástico, demonstrando a grande tendência de Baudelaire à crítica de arte. Segundo Junqueira (1985, p. 48)

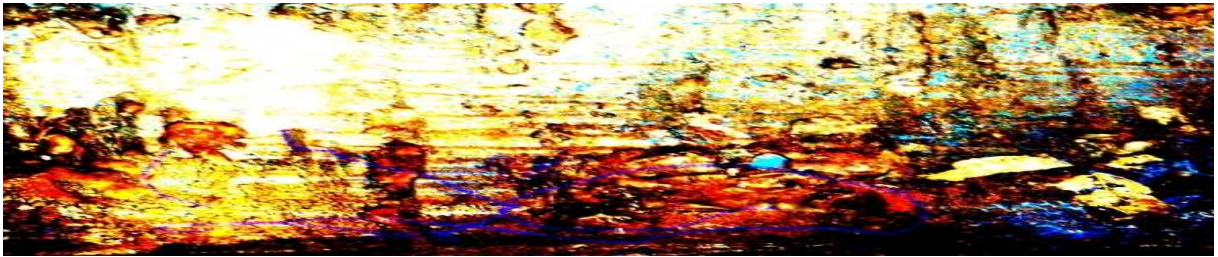
O poema baudelairiano é exatamente isto, este “belo objeto luminoso, cristalino, complicado, circular e simétrico”, o que mais ainda surpreende quando se percebe, a cada verso ou mesmo a cada palavra, essa desconcertante e amiúde inexplicável comunhão entre emoção e rigor formal, esse conflito dilemático entre ascensão e queda, entre carne e espírito, que lhe entranha toda a tessitura.

Baudelaire critica os românticos, uma vez que não aceita os exageros líricos de seus contemporâneos. O Romantismo de Baudelaire foge das lamentações, e revela-se, segundo ele próprio, na maneira de sentir. A arte de Baudelaire ama a clareza, a lucidez, a concisão, características que não subjazem das fontes artísticas de sua época; o autor trabalha no projeto de retratar o homem moderno com matizes notadamente originais.

A teoria das “correspondências” de Baudelaire mostra um mundo real que corresponde a um mundo invisível e superior. Baudelaire faz uma representação alegórica do mundo através de sua poesia, “[...] conferindo à matéria um papel de simples intermediária entre a eficácia do espírito e seu mais alto produto inteligível.” (JUNQUEIRA, 1985, p. 59). A presença do mito em alguns de seus textos traduz a tentativa de ordenar o mundo, ou melhor, de apresentar uma totalidade através da representação mítica.

O movimento romântico recusa a visão racionalista de mundo, dando plena expressividade às sensações interiores. Rosenfeld e Guinsburg (2002, p.272-273) refletem sobre o pensamento dos românticos:

<sup>3</sup> Pound descreve em sua obra *Abc da literatura* a história de como um estudante de pós-graduação foi levado a observar e descrever um peixe-lua por Agassiz, olhando para o peixe e não simplesmente falando sobre ele.



[...] os românticos vêem, e no sentido mais profundo, o homem como um ser cindido, fragmentado, dissociado. Em função disso, sentem-se criaturas infelizes e desajustadas, que não conseguem enquadrar-se no contexto social e que tampouco querem fazê-lo porque a sociedade só iria cindi-las ainda mais. Entre consciente e inconsciente, deveres e inclinações, trabalho e recompensa a brecha só poderia crescer, como parte de um afastamento cada vez maior entre natureza e espírito. Daí o sentimento de inadequação social; daí a aflição e a dor que recebem o nome geral de “mal du siècle”; daí a busca de evasão da realidade e o anseio atroz de unidade e síntese, que tanto marcam a “alma romântica”.

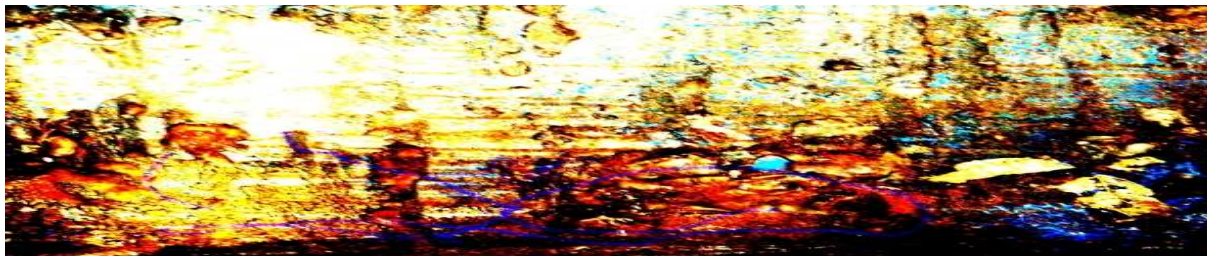
Baudelaire, de certa forma, domina esses impulsos subjetivos, definindo o conceito de modernidade de forma objetiva. Num ponto, Baudelaire, por mais que tenha renegado suas raízes românticas, está de acordo com os preceitos do Romantismo: tanto quanto os mais apaixonados poetas românticos, Baudelaire também demonstra em sua obra a desobediência a regras e modelos, especialmente reiterados pelo Classicismo.

Os críticos costumam relacionar a obra de Baudelaire à obra de Edgar Allan Poe, e, às vezes de forma leviana, sugerem uma atitude de submissão de Baudelaire. Porém, a verdade é que a lírica baudelairiana se utiliza da intertextualidade, prática reprovada pelo Romantismo, mas altamente explorada pelos clássicos e modernos. Dessa forma, Baudelaire vai construindo seu estilo inconfundível e, ao mesmo tempo, utilizando de técnicas que a literatura antiga sempre valorizou. Mas o que não se pode negar é que, tanto Baudelaire quanto Poe persistem sobre a mesma idéia sobre Poesia e Verdade. Para ambos, esses dois conceitos não se misturam, pois a Poesia é a busca do belo e a verdade não é o ambiente propício para essa busca. Poe e Baudelaire concordam que fazer poesia como representação da verdade é limitar a forma de revelação poética.

Pondo em vigor uma verdade, necessitamos de mais severidade do que de eflorescência de linguagem. Devemos ser simples, precisos, tersos. Devemos ser frios, calmos, impassíveis. Numa palavra, devemos conservar-nos naquela maneira que, o mais aproximadamente possível, é o oposto exato do poético. (POE, 1987, p. 87-88)

Segundo Junqueira (1985, p. 62) “Baudelaire entende toda a natureza como essencialmente corrupta e, se aceita como dogma a criação do mundo por Deus, é para usá-la como arma contra o que Deus criou”. Tal afirmação é importante para que se possa também dialogar com a antiguidade, observando-se que ambas atribuem a existência do mundo terreno a divindades: Baudelaire crê que há um Deus, criador do mundo e de todas as coisas e contra ele e sua criação o poeta dispara seus dardos inflamados de angústia; a antiguidade clássica mostra o mundo feito e comandado por deuses pagãos, arquitetos das ações de homens que, muitas vezes,

**Míriam Zafalon**  
**Adalberto de Oliveira Souza**



tentam ser insubordinados, mas não possuem força suficiente para desbancar o poder divino e acabam sujeitando-se a toda sorte de ocorrências que lhes são impostas. Tanto Baudelaire quanto os gregos e latinos da antiguidade lidavam, embora de maneiras diferentes, com a superioridade do divino, com a fragilidade dos homens e sua impotência diante da vida.

Sabe-se que, no passado, a poesia não tinha as mesmas especificidades de hoje. Eliot (1972) explica que as formas antigas de epopeia são a base da poética que evoluiu até os dias de hoje. No início, a poesia servia à transmissão de mensagens históricas e também ao entretenimento das comunidades, veiculando informações como prioridade. Ele ainda reforça que não importam os meios pelos quais a “boa” poesia chega ao público, o importante é que ela perdure, independentemente de ter ou não alguma finalidade a mais que não seja apenas o prazer estético:

As pessoas, às vezes, desconfiam de toda poesia que tenha uma determinada finalidade: poesia na qual o poeta esteja defendendo pontos de vista sociais, morais, políticos ou religiosos. São com mais facilidade levados a dizer que não consideram aquilo poesia quando discordam do ponto de vista em questão; assim como outras pessoas frequentemente consideram algo como verdadeira poesia porque expressa uma opinião com a qual estão de acordo. Devo dizer que o fato de o poeta estar usando sua poesia para defender ou atacar uma atitude social não tem importância. A má poesia pode ter um momento de sucesso se o poeta está refletindo uma atitude popular do momento; mas a verdadeira poesia sobrevive não só a uma mudança de opinião popular, como à total extinção do interesse nos assuntos que tão profundamente agradaram ao poeta. (ELIOT, 1972, p.31)

Pois bem. A obra de Baudelaire e os poemas da antiguidade clássica não se isentaram de propagar as vicissitudes do mundo e o do indivíduo; a epopeia homérica mostra um mundo de homens que atuam como modelos do bem e do mal, da justiça e da injustiça, do certo e do errado. A poesia de Baudelaire reflete o homem moderno diante da angústia que é viver a modernidade, de certa maneira, conferindo uma identidade ao homem de seu tempo assim como já havia feito Homero na épica antiga. O sentimento poético é variável de época para época e de indivíduo para indivíduo, mas a grande poesia perdura, não é perdida ou esquecida. Para provar essa tese é que encontramos no mito um termo de aproximação entre Baudelaire e a antiguidade clássica demonstrando como eles encontram sua unidade através da beleza do próprio fazer poético e da sua permanência enquanto clássicos.

### **3. O MITO NO TEXTO BAUDELAIRIANO**

**Miriam Zafalon  
Adalberto de Oliveira Souza**



Para observar a recorrência a alguns mitos na poesia de Baudelaire, examinaremos três textos que poderão tornar-se bastante esclarecedores para nosso objetivo. No primeiro deles, “Le cygne”, Baudelaire refere-se à Andrômaca, segundo a tradição épico-mitológica, esposa de Heitor, príncipe da lendária Tróia.

## *LE CYGNE*

A Victor Hugo

### I

Andromaque, je pense à vous! Ce petit fleuve,  
Pauvre et triste miroir où jadis resplendit  
L'immense majesté de vos douleurs de veuve,  
Ce Simois menteur qui par vos pleurs grandit,

A fécondé soudain ma mémoire fertile,  
Comme je traversais le nouveau Carrousel.  
Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville  
Change plus vite, hélas! que le coeur d'un mortel);

Je ne vois qu'en esprit tout ce camp de baraques,  
Ces tas de chapiteaux ébauchés et de fûts,  
Les herbes, les gros blocs verdis par l'eau des flaques,  
Et, brillant aux carreaux, le bric-à-brac confus.

Là s'étalait jadis une ménagerie;  
Là je vis, un matin, à l'heure où sous les cieux  
Froids et clairs le Travail s'éveille, où la voirie  
Pousse un sombre ouragan dans l'air silencieux,

Un cygne qui s'était évadé de sa cage,  
Et, de ses pieds palmés frottant le pavé sec,  
Sur le sol raboteux traînait son blanc plumage.  
Près d'un ruisseau sans eau la bête ouvrant le bec

Baignait nerveusement ses ailes dans la poudre,  
Et disait, le coeur plein de son beau lac natal:  
"Eau, quand donc pleuvras-tu? quand tonneras-tu, foudre?"  
Je vois ce malheureux, mythe étrange et fatal,

Vers le ciel quelquefois, comme l'homme d'Ovide,  
Vers le ciel ironique et cruellement bleu,  
Sur son cou convulsif tendant sa tête avide,  
Comme s'il adressait des reproches à Dieu!

### II

**Miriam Zafalon  
Adalberto de Oliveira Souza**



Paris change! mais rien dans ma mélancolie  
 N'a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs,  
 Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie,  
 Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.

Aussi devant ce Louvre une image m'opprime:  
 Je pense à mon grand cygne, avec ses gestes fous,  
 Comme les exilés, ridicule et sublime,  
 Et rongé d'un désir sans trêve! et puis à vous,

Andromaque, des bras d'un grand époux tombée,  
 Vil bétail, sous la main du superbe Pyrrhus,  
 Auprès d'un tombeau vide en extase courbée;  
 Veuve d'Hector, hélas! et femme d'Hélénus!

Je pense à la négresse, amaigrie et phtisique,  
 Piétinant dans la boue, et cherchant, l'oeil hagard  
 Les cocotiers absents de la superbe Afrique  
 Derrière la muraille immense du brouillard;

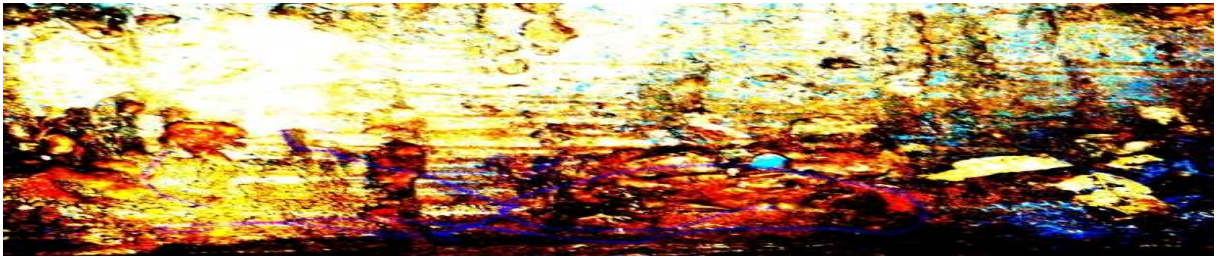
A quiconque a perdu ce qui ne se retrouve  
 Jamais, jamais! à ceux qui s'abreuvent de pleurs  
 Et tettent la Douleur comme une bonne louve!  
 Aux maigres orphelins séchant comme des fleurs!

Ainsi dans la forêt où mon esprit s'exile  
 Un vieux Souvenir sonne à plein souffle du cor!  
 Je pense aux matelots oubliés dans une île,  
 Aux captifs, aux vaincus!... à bien d'autres encor!

“Le cygne” expõe a modernidade em sua estreita ligação com a antiguidade, numa alegoria que representa a fragilidade da cidade de Paris através da mistura dos símbolos do “cisne”, da “negra” com a figura histórica de “Andrômaca”, revelando que nessas imagens, o fator comum é a desolação, a desesperança pelo porvir. Benjamin (1989, p. 81) metaforiza Paris comparando-a com o vidro: “Torna-se quebradiça como o vidro, mas, também como o vidro, transparente – ou seja, transparente em seu significado.”

Em “Le cygne”, através de algumas imagens, Baudelaire mostra sua visão antipastoral, ou seja, o desespero cultural, descrevendo os desesperançados espaços das ruas de Paris, completamente imersos na coisificação, destruindo cada vez mais a tradição cultural. O poeta lançou mão, nesse poema, de quatro figuras pertencentes ao ideário mitológico, conhecidos a partir das epopeias homéricas: Andrômaca, Heitor, Pirro e Heleno. Andrômaca era a esposa de

**Miriam Zafalon**  
**Adalberto de Oliveira Souza**



Heitor, príncipe de Troia e durante a guerra contra os gregos, perdeu seu marido pelas mãos de Aquiles. O filho de Heitor e Andrômaca, Astíanax, foi morto por Pirro, filho de Aquiles. Mais tarde, Pirro escravizou Andrômaca, levando-a para o Épiro. Heleno, irmão de Heitor, foi também levado como escravo por Pirro, porém, mais tarde, ganha a liberdade por ter sido leal a Pirro; então, casa-se com Andrômaca e tem com ela um filho: Molosso. (COMMELIN,s/d)

Há uma aproximação entre a saudade que o poeta sente de sua velha Paris e a tristeza de Andrômaca pela falta de seu esposo Heitor. A referência ao mito explorado na *Ilíada*, por Homero, confere “verdade” ao sentimento de dor do poeta, transmitindo sua melancolia perene e sua desesperança.

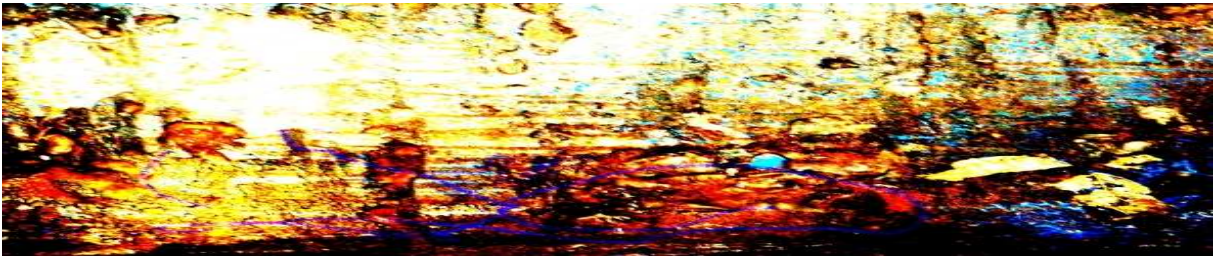
Na primeira parte do poema, o sofrimento de Andrômaca por seu destino cruel, tendo o marido morto, metaforiza a dor da saudade do eu poético em suas recordações. Nessas lembranças, ele recorda de outros tempos de sua amada Paris, quando o cenário era representado por “camp de baraques”, “ces tas de chapiteaux ébauchés et de fûts”, “gros blocs verdis par l’eau des flaques”. A velha Paris cedeu espaço ao desenvolvimento, aos modernos bulevares, mas sua nova beleza não trouxe paz ao coração do eu lírico. A moderna ideia de progresso é rejeitada por Baudelaire e, nas palavras de Berman (1998, p.138) para o poeta francês “[...] a realidade moderna é intrinsecamente repugnante, vazia não só de beleza mas de qualquer potencial de beleza.”

Ainda recordando, o eu lírico enfatiza a figura de um cisne, representação metafórica que personaliza o próprio sentimento do eu poemático, em sua atitude de sofrimento irônico diante da impossibilidade de poder viver em seu habitat natural. Vendo o cisne, o eu lírico enxerga a si mesmo, e a sua inconformidade com o contexto que o cerca, que o deixa repleto de tédio e tristeza.

Na segunda parte do poema, a melancolia continua sendo desvelada, além da saudade e da infinita dor íntima. Descrevem-se as construções, retomando-se a metáfora do cisne que representa o próprio exílio interior do eu lírico; busca, mais uma vez, na figura mitológica de Andrômaca, estabelecer comparação entre o sentimento de perda e o desespero que a esposa de Heitor provou ao ter seu marido arrancado cruelmente de seu convívio e ainda ter sido tornada escrava e amante de Pirro e, segundo a lenda, esposa de Heleno, posteriormente.

Na sequência, outras metáforas são apresentadas, repletas de apelo emotivo, objetivando provar o sentimento mais dolorido e profundo do eu poético: a negra arrancada de sua pátria e que sofre por não mais poder ver sua terra natal, os órfãos famintos, o marinheiro perdido numa ilha deserta. Todas essas imagens representam o sentimento de perda que o poema exalta e, no





último verso, através da expressão melancólica “aux vaincus”, ocorre a síntese da situação do eu poético diante do mundo e de todos aqueles que são descritos durante o texto.

Nesse poema, abordar a história de Andrômaca, especialmente, traduz de forma mais efetiva o sentimento de perda que o poema pretende conferir. Tanto quanto a princesa troiana perdeu o homem que amava, o eu poemático teve retirada de si a cidade que lhe significava tudo, ficando-lhe apenas as lembranças, angústia e um sentimento de impotência diante dos acontecimentos. Por intermédio do mito, estabelece-se um diálogo entre a Modernidade e a Antiguidade, conferindo ao poema uma característica universalizante.

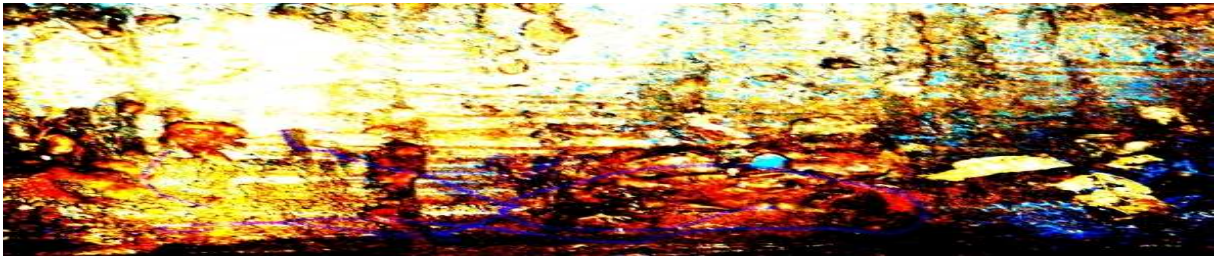
Num outro poema, “J’aime le souvenir de ces époques nues”, novos enfoques míticos se estabelecem. Febo e Cibele fazem parte da construção desse texto que, igualmente de forma melancólica, canta a nostalgia e a saudade.

### *J'AIME LE SOUVENIR DE CES ÉPOQUES NUES*

J'aime le souvenir de ces époques nues,  
 Dont Phoebus se plaisait à dorer les statues.  
 Alors l'homme et la femme en leur agilité  
 Jouissaient sans mensonge et sans anxiété,  
 Et, le ciel amoureux leur caressant l'échine,  
 Exerçaient la santé de leur noble machine.  
Cybèle alors, fertile en produits généreux,  
 Ne trouvait point ses fils un poids trop onéreux,  
 Mais, louve au cœur gonflé de tendresses communes,  
 Abreuvait l'univers à ses tétines brunes.  
 L'homme, élégant, robuste et fort, avait le droit  
 D'être fier des beautés qui le nommaient leur roi ;  
 Fruits purs de tout outrage et vierges de gerçures,  
 Dont la chair lisse et ferme appelait les morsures !

Le Poète aujourd'hui, quand il veut concevoir  
 Ces natives grandeurs, aux lieux où se font voir  
 La nudité de l'homme et celle de la femme,  
 Sent un froid ténébreux envelopper son âme  
 Devant ce noir tableau plein d'épouvantement.  
 O monstruosité pleurant leur vêtement !  
 O ridicules troncs ! torses dignes des masques !  
 O pauvres corps tordus, maigres, ventrus ou flasques,  
 Que le dieu de l'Utile, implacable et serein,  
 Enfants, emmaillota dans ses langes d'airain !  
 Et vous, femmes, hélas ! pâles comme des cierges,  
 Que ronge et que nourrit la débauche, et vous, vierges,  
 Du vice maternel traînant l'hérédité

**Miriam Zafalon**  
**Adalberto de Oliveira Souza**



Et toutes les hideurs de la fécondité !

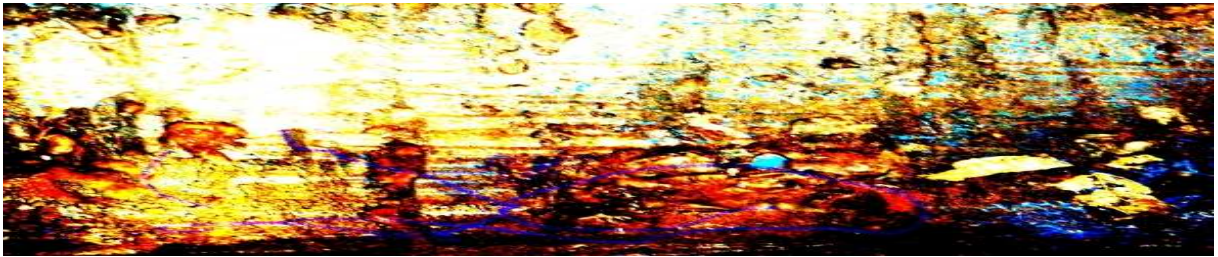
Nous avons, il est vrai, nations corrompues,  
 Aux peuples anciens des beautés inconnues :  
 Des visages rongés par les chancres du cœur,  
 Et comme qui dirait des beautés de langueur ;  
 Mais ces inventions de nos muses tardives  
 N'empêcheront jamais les races malades  
 De rendre à la jeunesse un hommage profond,  
 – A la sainte jeunesse, à l'air simple, au doux front,  
 A l'œil limpide et clair ainsi qu'une eau courante,  
 Et qui va répandant sur tout, insouciant  
 Comme l'azur du ciel, les oiseaux et les fleurs,  
 Ses parfums, ses chansons et ses douces chaleurs !

O moderno bebe na fonte do antigo nestes versos cheios de melancolia. Baudelaire não buscou se evadir da realidade; ao contrário, preferiu afrontar seu mundo por meio de sua poesia, denunciando as complexidades que estruturam a modernidade, revelando sua postura crítica, embora, por vezes, incompreendida na sua época. O que se vê em Baudelaire, sobretudo, é uma posição não conformista que ele revela, refletindo sobre a miséria em seu contexto social, analisando cada detalhe da vida burguesa estabelecida na França. Segundo Benjamin (1989, p.47), “Baudelaire amava a solidão, mas a queria na multidão”, ele se afasta da massa da cidade grande, se refugiando exatamente por entre essa massa; nesse contexto é que surge no poeta o interesse pela figura do flâneur, como uma maneira de expor sua experiência dolorosa diante da modernidade que ele renega.

O flâneur sente-se completamente à vontade nas ruas, como os burgueses se sentem em suas casas. Ele é um observador, uma espécie de investigador das massas e da burguesia, que bem representa a literatura formada de histórias de detetive, os romances policiais que floresceram no final do século XVIII. O eu lírico do poema “J’aime le souvenir de ces époques nues” comporta-se como um flâneur, protestando contra a especialização, fragmentação do trabalho na era industrial. É uma espécie de herói da modernidade, que sobrevive em meio a uma população massacrada e doente, uma forma de Baudelaire dar voz aos marginalizados em sua poesia.

Nesse poema, Baudelaire faz menção a Febo, deus considerado o mais belo de Roma, deus da música e da inspiração poética (DESMURGER; FÉRON; GENEST, 2006). Conforme é explicitado no poema, Febo personificava a luz, era o filho de Júpiter e Latona e segundo a lenda, matou a serpente Píton, logo após o seu nascimento. Quanto a Cibele, também chamada de Réia, é designada deusa dos deuses ou mãe dos deuses (DESMURGER; FÉRON; GENEST, 2006).

**Miriam Zafalon**  
**Adalberto de Oliveira Souza**



Cibeles era a deusa dos mortos, da fertilidade, da vida selvagem, da agricultura e era representada como uma mulher madura, com grandes seios, coroadas com espigas de trigo, vestidas com flores e folhas e carregando várias chaves. No poema de Baudelaire, Cibeles é descrita com detalhes que enfatizam sua fertilidade e robustez. Cibeles era uma deusa amplamente adorada e havia uma particularidade em seu culto: inspirados pela lenda do filho de Cibeles, Átis, que castrou-se diante de sua mãe por ter sido impedido por ela de casar-se com a filha do rei, os seguidores da deusa, chegavam a também cortar-se e mutilar suas genitálias diante da estátua que cultuavam, numa espécie de frenesi religioso, último sacrifício em honra da grande deusa.

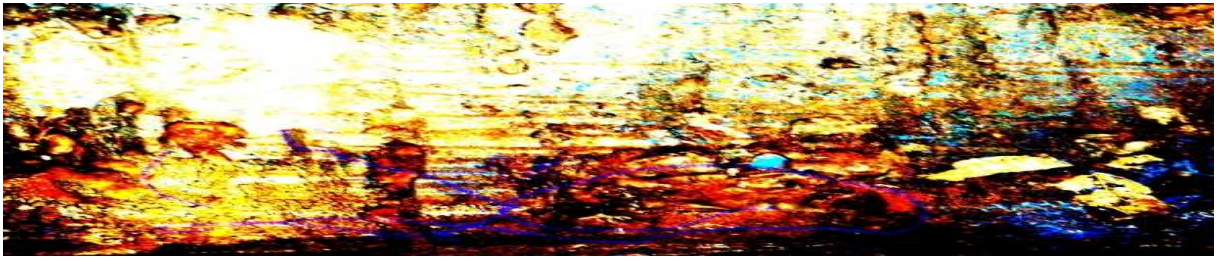
Febo e Cibeles são personagens que representam a força, a juventude, a vida, enquanto que o mundo no qual o eu lírico vive representa o desvanecimento, a perda, a morte. Uma Paris em escombros cujo principal movimento agônico consiste em forçar o homem a adaptar-se às contingências da vida moderna.

O poeta apresenta a visão dos mitos clássicos como que para pintar a realidade anterior à modernidade e compará-la ao trágico progresso posterior. As atribuições que na antiguidade eram consideradas como bênção, como a fertilidade, têm para a modernidade o sentido negativo da perpetuação da espécie que vem para compartilhar a miséria.

Opondo-se aos mitos de Febo e Cibeles, as imagens apresentadas na segunda estrofe, “ridicules troncs”, “torses dignes des masques”, “pauvres corps tordus”, mostram que aquilo que o poeta vê à sua volta serve de inspiração para o seu sonho poético, triste e amargo sonho. O mundo aqui descrito traz o momento epifânico da descoberta das pobres vidas sombrias que persistem em lutar pela sobrevivência apesar do desenvolvimento da cidade que privilegia apenas as elites; a miséria é exposta para quem queira ver, simbolizando as contradições do capitalismo, reiterando que o ambiente moderno é o verdadeiro caos.

Na última estrofe, o texto exalta a juventude, homenageando as gerações vindouras, embora mantendo o tom de melancolia de quem sabe que “o moderno torna-se logo ultrapassado;” (COMPAGNON, 1996, p. 17). A juventude é descrita como saudável e límpida, comparando-se à água corrente, imagem que corresponde, ironicamente, à figurativização da velha Paris imortalizada por Baudelaire, ou ainda, aos tempos antigos que tanta saudade despertam.

Por todo o texto percorre a noção de que o moderno deixou para trás o esplendor, de que o novo destruiu toda a beleza que a tradição cultural preservou durante séculos. Mais uma vez, a figura dos mitos vem para lembrar uma antiguidade sábia a qual o poeta não se cansa de



exaltar. Febo e Cibele representam um passado que pode ser comparado ao paraíso, enquanto que o presente, apresentado pela modernidade e seu progresso, traz o sofrimento que o eu lírico tanto lastima.

Em outro poema, “Sisina”, o autor recorre ao mito, comparando as qualidades de Diana às de Sisina, mulher que o impressionou profundamente.

### *SISINA*

Imaginez Diane en galant équipage,  
Parcourant les forêts ou battant les halliers,  
Cheveux et gorge au vent, s'enivrant de tapage,  
Superbe et défiant les meilleurs cavaliers!

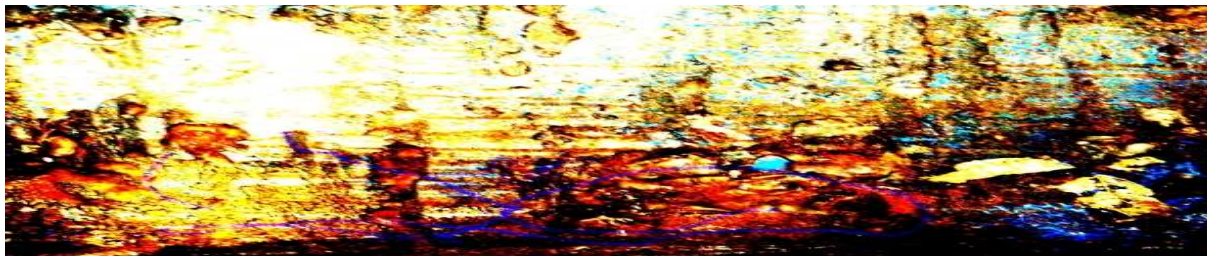
Avez-vous vu Théroigne, amante du carnage,  
Excitant à l'assaut un peuple sans souliers,  
La joue et l'oeil en feu, jouant son personnage,  
Et montant, sabre au poing, les royaux escaliers?

Telle la Sisina! Mais la douce guerrière  
A l'âme charitable autant que meurtrière;  
Son courage, affolé de poudre et de tambours,

Devant les suppliants sait mettre bas les armes,  
Et son coeur, ravagé par la flamme, a toujours,  
Pour qui s'en montre digne, un réservoir de larmes.

Segundo a lenda mitológica, Diana, também chamada de Ártemis, era irmã gêmea de Apolo, deusa da lua, da caça, dos animais selvagens e domésticos e das florestas. Pediu ao pai permissão para permanecer virgem toda a vida; é representada como uma figura rude, vingativa à menor ofensa. Nesse poema, Diana é mostrada como um modelo de mulher, bela e destemida, tal qual Sisina, a quem o poeta louva. O texto também cita uma personagem conhecida da Revolução Francesa: Théroigne de Méricourt. Apesar de não pertencer à Antiguidade Clássica (viveu entre 1762 e 1817) Théroigne também é considerada um mito, um símbolo do feminismo guerreiro e precursora do feminismo moderno (ROUDINESCO, 1989).

O poema em questão trata-se de uma exaltação à mulher que luta e que enfrenta as adversidades. Através do mito de Diana, da retomada histórica de Théroigne de Méricourt e fechando com a descrição da apaixonante Sisina, o poeta engrandece um tipo de mulher que em nada se assemelha com o padrão romântico feminino propagado na literatura da época. São mulheres de fibra, que não se abatem, que tomam para si atribuições destinadas aos homens, e



optam por seus destinos.

Baudelaire apresenta uma visão heróica da mulher, mas a mantém como ser de carne e osso e repleto de ambiguidades, com fragilidade e fortaleza, com temor e coragem, com ira e amor, comprovando que “Todas as ideias baudelairianas são duplas.” (COMPAGNON, 1996, p. 30). O poema glorifica a mulher, distinguindo-a como ser humano batalhador, isentando-a de qualquer reputação de frivolidade, mas sim, representando-a sob o emblema de uma modernidade que não mais aceita a omissão feminina. É a moderna poética de Baudelaire, digna de tornar-se antiguidade e tradição, posto que dignifica e universaliza a figura feminina, pintando-a com os matizes da modernidade, tão bem mesclados pela apreensão do mito.

#### 4. CONCLUSÃO

Baudelaire teve a missão de construir uma obra histórica, através de uma poesia moderna que dá tratamento poético à realidade que o cerca. É autor de uma obra que não se esgota, que não deixa de fazer efeito mesmo tendo sido construída há algumas dezenas de anos atrás. Seus poemas, portanto, constituem uma obra de arte por excelência, que continua a exercer poder sobre aqueles que dela se apropriam.

A obra de Baudelaire mostra que a modernização da cidade obriga os indivíduos a também modernizarem-se, internamente, em seus sentimentos. A vida moderna, para Baudelaire, possui uma estranha beleza, e, aliada a ela vem a miséria, tributo que o homem moderno deve pagar em nome de seu progresso. O poeta descreve o homem moderno como a representação de um herói (já que o herói não mais cabe na modernidade), produto de uma civilização excessivamente progressista, e, ao mesmo tempo, sendo um homem difícil de decifrar, de determinar, de definir.

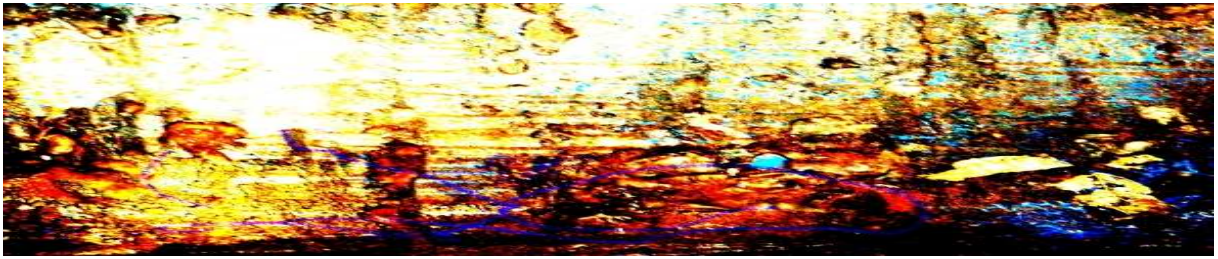
Para Berman (1998), o retrato da vida cotidiana de Paris possui uma profundidade mítica que a torna um protótipo do mundo moderno. É isso que Baudelaire reflete em sua obra e em seu pensamento triste e irônico, e que o faz combater as contradições da vida moderna, tentando achar-se a si mesmo em meio ao caos da modernidade. Também é dessa forma, segundo Berman, que Baudelaire luta pela apreensão da beleza absoluta que pode proporcionar aos homens a capacidade de percepção sobre o poético.

Sobre a permanência da poética baudelairiana, Valéry (1991, p. 30) reforça:

A poesia de Baudelaire deve sua duração a esse domínio que ainda exerce à plenitude e à nitidez singular de seu timbre. Essa voz, por instantes, cede à

**Míriam Zafalon**

**Adalberto de Oliveira Souza**



eloquência, como acontecia com demasiada frequência aos poetas daquela época; mas conserva e desenvolve quase sempre uma linha melódica admiravelmente pura e uma sonoridade perfeitamente realizada que a distinguem de qualquer prosa.

O mito em Baudelaire representa um recurso de revolta e de denúncia que aproxima a antiguidade e a modernidade, estabelecendo uma concepção construtiva de história. Não se deve confundir a presença do mito como um artifício para doutrinar, conformar ou educar, pois isso não faz parte das características estéticas do poeta. A oposição entre antigo e moderno mostra a visão do poeta em relação à massa que forma o “novo” e a nostalgia que o aproxima da sua saudosa Paris.

Baudelaire identifica a arte com a atualidade, embora ligue modernização à decadência. A presença de mitos, tradicionalmente mantidos pelos séculos afora, em alguns de seus poemas, constitui uma forma ambivalente de estabelecer contato com essa modernidade, na mesma medida em que também a execra, a pune e a nega. Por isso, para Compagnon (1996), a modernidade de Baudelaire representa a dualidade entre denúncia e conformismo. Com a atualização de mitos guardados pela humanidade, Baudelaire vai desenhando sua concepção antiburguesa de mundo, reconhecendo na modernidade o eterno, mas também, a decadência do novo, e a contraditória e ambígua natureza do homem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Didier, 1961.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v. 3)

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

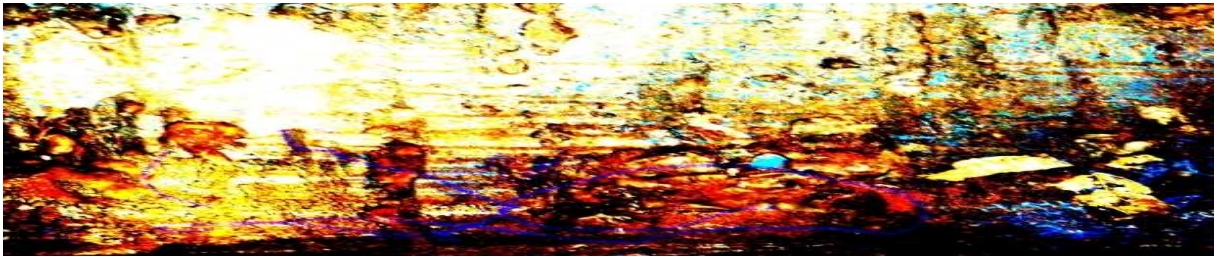
COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: TecnoPrint, s/d.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DESMURGER, Marguerite; FÉRON, José; GENEST, Émile. *As mais belas lendas da mitologia*. Trad. Mônica Stabel. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIOT, T. S. A função social da poesia. In: *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972, p. 28-42.

JUNQUEIRA, Ivan – A arte de Baudelaire. In BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*



(bilíngüe). Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAROCHE, Hubert. *Les fleurs du mal*. Académie de Strasbourg, 2000. Disponível em: <http://www.ac-strasbourg.fr/pedago/lettres/fleurs/index.htm>. Acesso em: fev. 2009.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 2 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

POUND, Ezra. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.

ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, J. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, J. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 261-293.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Théroigne de Méricourt*. Trad. Ana Maria Scherer. São Paulo: Rocco, 1989.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.